

Maluf avalia chances para 90

FERNANDA FRANCO

Até o sorveteiro já abandonou o comitê eleitoral do ex-governador Paulo Maluf, candidato derrotado do PDS à Presidência da República. Praticamente vazia durante todo o dia de ontem, a mansão de quatro mil metros quadrados só registrava movimento em uma de suas salas do primeiro andar, reservada ao empresário Calim Eid, principal articulador político de Maluf. Com o mapa do Estado de São Paulo aberto sobre a mesa, Calim e vários assessores detalhavam a votação do candidato — grifando os municípios onde Maluf conseguiu a liderança — e avaliavam as chances do chefe nas eleições, para o governo estadual, em 1990. Pelo telefone, Calim conversa com aliados sobre as possibilidades de coligação para o segundo turno. Um andar acima, sozinho, em outra sala, Maluf se entretinha com o mesmo xadrez.

Logo de manhã o ex-governador localizou dois problemas: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nesses Estados, ele ouviu de alguns políticos que se Leonel Brizola for para o segundo turno, acabariam as chances de qualquer aliança com Fernando Collor de Mello (PRN), tendência natural do partido no resto



Milton Soares/AE-14/11/89

Maluf: "Decisão sobre 2º turno só na semana que vem"

do país. "Brizola seria um complicador para o PDS gaúcho", informou o deputado federal Victor Faccioni. "O partido jamais marcharia unido contra Brizola porque essa possibilidade poderia acabar com os projetos locais para 1990."

Na sua opinião, nem mesmo

o ex-senador Nelson Marchezan, um dos nomes mais cotados para candidatar-se ao governo do Estado, pelo PDS, se arriscaria a negar apoio a Brizola, apesar do seu namoro com o senador collarido Carlos Chiarelli. A situação do PDS gaúcho complicou-se ainda mais, nos cálcu-

los de Maluf, quando ele conver-
sou com o ex-deputado federal
Emídio Perondi. Adversário po-
lítico de Marchezan, Perondi
defendeu o apoio a Brizola, mas
rejeitou uma eventual aliança
com Collor, caso seja Lula o ad-
versário do PRN. "Marchezan
vai collarir e ele já te traiu duas
vezes: agora, te negando apoio,
e em 84, quando votou em bran-
co", disse Perondi a Maluf. "O
povo não aceita mais esse gigo-
lô."

Maluf desligou o telefone
sem ter anunciado sua opinião,
mas resolveu viajar para Porto
Alegre no sábado à noite. Antes
de sair do comitê, no início da
tarde, e ir para casa dormir, re-
petiu, pela enésima vez, que sua
decisão sobre o segundo turno
só será divulgada depois de ter-
ça-feira. Nesse dia, a executiva
nacional do PDS estará reunida
em Brasília para discutir o fu-
turo do partido.

O ex-governador faz suspen-
se sobre um eventual encontro
com as principais lideranças pe-
dessitas. Se comparecer à reu-
nião, pretende sustentar a tese
de que os mais de cinco milhões
de votos foram conseguidos gra-
ças ao seu carisma, sem a ajuda
efetiva do partido.

De qualquer forma, se ficar
com Brizola, a outra vaga para
o segundo turno, Maluf terá um
grave problema a resolver: con-
vencer o próprio Brizola, com
quem viveu às turras durante
toda a campanha, a aceitar o
seu apoio. Por enquanto, o PDS
torce por Lula.